

O TEMPO DO CAFÉ: relações, práticas e corpos de camponeses que crescem junto ao cultivo do café - possibilidades de pensar uma “contra-plantation”¹

Yeison Andres Rojas Ramirez (CPDA/UFRRJ)

Palavras-chave: tempo do café; camponeses; contra-plantation.

Este trabalho se baseia abordagens etnográficas realizados numa comunidade rural colombiana (Trujillo Valle) durante os meses de outubro e novembro de 2023. Nessa comunidade, se constatou que o cultivo de café, aparece como uma ordem temporária. A partir do momento em que uma planta de café é plantada, os agricultores começam a registrar os eventos de sua existência em suas raízes, folhas, sementes e frutos. As pessoas evocam suas memórias, sua espiritualidade, seu passado e constroem seu futuro no tempo do café. Se pode dizer que o ciclo do café é o ciclo da vida em Trujillo. No entanto, nos últimos seis anos, essa localidade rural vem experimentando uma rápida expansão de plantações de abacate por parte de empresas colombo-mexicanas e peruanas. Terras camponeses eram destinadas na produção do café, foram adquiridas para a expansão dessa monocultura. Com base a imagens de arquivo e narrativas etnográficas de três famílias camponesas de Trujillo, o objetivo desta proposta é estudar as relações, as práticas e corpos camponeses que vivem no tempo do café, como elementos de análise para pensar uma “contra-plantation”. Tendo como premissa a linearidade temporal da plantação, este trabalho apresenta outra temporalidade de vida e de cultivo: **o tempo do café**. Como os modos de vida camponeses no tempo do café, possibilitam diálogos para pensar uma “contra-plantation”? Este trabalho busca dialogar com os modos de enfrentamento, criação e fuga praticados por camponeses que cultivam café, contra os sistemas de “plantation” de abacate na localidade de estudo.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

Gostaria de escrever desde um lugar de vivência camponesa coletiva que interpela o excesso, a pressa, o descartável e comercial da vida no capitalismo. O que aqui é narrado está a acontecer e ainda não aconteceu na vida dos camponeses, porque as suas vidas estão entrelaçadas com um passado e um futuro marcados pela cultura do café. Eles vivem a outro ritmo, constroem singulares relações locais, movimentam seus corpos e fazem gestão de suas histórias no tempo do café. Eles e elas, camponeses de uma região rural da colômbia (Trujillo Valle),² como muitos outros ruralinos latino-americanos não sabem escrever o ler, pelo que “Vindo de um povo basicamente iletrado, recebi a tarefa de ser seu porta-voz. Pode até ser uma justificativa tola, mas como ela pesa para mim. Se você não a compreende, é porque sua história é outra, você não sente o travo amargo de um silêncio centenário” (NETO, 2000. pp, 240).

Com esta justificativa escrevo para dar formato e letra aos discursos com a qual os camponeses escrevem, sem usar folhas nem caneta. Sua oralidade é uma poderosíssima ferramenta de preservação de conhecimento. Através da palavra como vínculo geracional, digitam em suas memórias e nas memórias de seus filhos(a) sua ancestralidade, seu saber sobre os cultivos, suas histórias com as terras, com as plantas e os espíritos. Seus relatos se misturam com o vento, os rios e a terra. Essa mistura de experiências ancestrais são contadas no momento de plantar o café, de apanhar café, de secar, de torrar e de tomar café.

Seguindo as abordagens de José Carlos Dos Anjos, sobre a religiosidade afro-brasileira sobre pretos velhos, o tempo do café, incorporasse como uma forma de perpetuar o passado, que não se dá pela lembrança, mas pela recriação de series passadas. Se trata de compor junto ao cultivo do café uma mesma serie de eventos presentes, quebrando a sequência de eventos cotidianos para intervir outra série temporal, que faz coexistir passado e presente (Dos Anjos, 2019. pp. 509).

O interesse sobre o tempo, surge das leituras de Ferreira (2022); CHAO (2021); BARATA, (2018); RODNEY, (1981); DOS ANJOS, (2019) que ilustram o enquadramento espaço-temporal e a irreversibilidade do tempo (linearidade) no pensamento ocidental

² Trujillo é um município localizado no noroeste do Valle del Cauca, um estado no sudoeste da Colômbia. Abrange uma área de 221 km² e a sua sede municipal está situada a 1260 m acima do nível do mar.

moderno. O tempo, como medida de produção e a mercantilização de toda as partes constituintes da vida, onde qualquer objeto ou atividade deve ser capitalizada.

Trujillo sempre foi uma paisagem cafeeira, no entanto, quando voltei à Colômbia em 2019, um fato me chamou a atenção: a presença de empresas colombianas-mexicanas e peruanas com cultivos de abacate em comunidades rurais, a mesmas comunidades onde cresci e aprendi a plantar café. Fazendas e propriedades que antes eram dedicadas ao cultivo de café e à criação de gado foram adquiridas para a expansão dessa monocultura.

Durante meu último trabalho de campo, no segundo semestre de 2023, foram evidentes as mudanças na paisagem da região, as estradas, a presença de máquinas como um novo elemento da paisagem e o movimento de carros transportando trabalhadores do centro urbano de Trujillo para as áreas rurais. Embora o sistema de monocultura não seja uma novidade no estado do Valle, onde predomina a monocultura da cana-de-açúcar desde 1850, no caso de Trujillo a expansão desse sistema é recente.

Os camponeses identificam a presença de três principais empresas agroindustriais em seu município e outras duas empresas em municípios vizinhos, todas ordenam a produção, comercialização e exportação de abacate Hass, uma das variedades de abacate mais consumido no mundo. Além disso, eles descreveram como alguns agricultores venderam suas propriedades frente a boas ofertas econômicas. Estes sítios, eram na sua maioria fazendas de grandes extensões que se dedicavam a cafeicultura e que em tempo de colheita ofereciam trabalho de recolecção de café a homens e mulheres da comunidade rural.

Imagens 1: Adequação do terreno para a plantação de abacate Hass



Registros fotográfico, trabalho de campo (Comunidade rural – Trujillo, 2023)

Nas fotografias se mostra o uso de maquinaria na construção de estradas para o transporte de trabalhadores e insumos; a fumigação para o controle de ervas e arbustos; e a demarcação de filas para a plantação de abacate. Embora alguns camponeses da comunidade, especialmente jovens, trabalham nestas empresas, a maior parte de mão de obra vem da área urbana do município, sobretudo para cumprir tarefas de campo (Fertilização, fumigação, limpeza, colheita, embalagem e distribuição). Já os trabalhadores técnicos, tecnólogos agrícolas, motoristas de maquinaria e transporte, agrônomos, responsáveis de recursos humanos e gerencia, são trabalhadores de fora da comunidade rural ou estrangeiros.

Aqueles que trabalham nas áreas de plantação são geralmente grupos selecionados com base em um determinante social, a raça. Mas não são apenas os corpos negros, também as mulheres, povos indígenas, comunidades camponesas e ou outras minorias são cercados pelo sistema, configurando uma divisão entre corpos e regiões de transparência (FERREIRA, 2022).

Falar da plantação de abacate é entrar numa instituição que integra o mundo global; não é apenas um mercado económico local, municipal ou nacional. Alguns estudos descrevem como as monoculturas penetram não só na terra, mas também em todas as esferas da vida e da sociedade, desde o trabalhador agrícola até ao político ou governante. O futuro das plantações e o futuro da sociedade, são um e o mesmo. RODNEY (1981); LI (2018); CHAO (2021).

Não obstante, este trabalho busca um desvio na temporalidade lineal do progresso do humanismo branco. Desde as margens (que neste trabalho é uma comunidade campesina colombiana) se apresenta outro tempo, **o tempo do café**, fora dos tempos da brancura e da modernidade, onde existe uma produção e agenciamento da vida, ou em palavras de Anna Tsing (2019), nas ruínas abandonados às vezes geram novas vidas multiespécies e multiculturais.

O tempo do café como recurso de análise aparece durante o trabalho de campo etnográfico na comunidade rural de Trujillo. Nas conversas das pessoas se mencionam o café como um marcador temporal na vida rural, uma forma de medir o tempo, de contar uma história e de organizar conversas, movimentos e conhecimentos. A partir do momento em que uma planta de café é plantada, os agricultores começam a registar os acontecimentos da

sua existência nas suas raízes, folhas e frutos. O café em Trujillo significa movimento, permite se deslocar para novos lugares e conhecimentos, adquirir novos bens, celebrar um casamento, ter um filho, comprar um carro, uma motocicleta ou um televisor. Estes acontecimentos estão guardados na memória das pessoas e quando procuram evocá-los, fazem-no através do tempo do café. Adicionalmente o café é um marcador que permite conhecer o outro: o vizinho, o familiar, o trabalhador.

Tsing (2019), incluiu em sua pesquisa de campo a observação do que fazem fungos, árvores, animais e o solo, para descobrir na paisagem desses gestos mais que humanos. Desdobrando fenômenos de empreendimentos capitalistas, o mercado financeiro, as relações de trabalho, a migração forçada, os efeitos da desigualdade entre homens e mulheres. Para a autora as paisagens são o sedimento concreto defluxos vitais, condições atmosféricas, sonhos, memórias e representações (TSING, 2019. pp.09).

Quando cheguei a Trujillo em outubro e novembro de 2023, era uma mistura de emoções: entre a alegria de voltar à comunidade rural onde cresci junto ao café, reencontrando rostos e corpos familiares, vozes que não me eram estranhas ao ouvido e plantações de café por onde já andei. Por outro lado surgiu uma perplexidade ao observar os hectares e hectares de terra que agora constituem as empresas agroindustriais de abacate; ao olhar a fileiras de plantas que parecem infinitas, todas perfeitamente ordenadas; ao ouvir o barulho do trator a construir uma nova estrada; ao ver passar de manhã e à tarde os carros que transportam os trabalhadores de fora e os insumos agrícolas. Era uma paisagem diferente, as montanhas que antes estavam cobertas de roupas verdes, apareciam descobrindo seu solo, como uma nova pele a conquistar.

Ainda assim, o café segue marcando o ritmo da vida de camponeses que se resistem a entrar nas filas de abacate, eles reconhecem o branco, vermelho e verde do café como as cores com os que aprenderam a caminhar, a se alimentar e tecer comunidade. O café sai em forma de vapor de suas xícaras e cozinhas. Se apresenta em forma de casa, quando conseguem comprar em cada colheita uma porta, tijolos ou cimento para construir algo mais que paredes. O café se transforma na roupa que cobre os seus corpos e nos livros que seus filhos usaram na escola. O café é aquele relógio em que marcam um começo ou fim de um acontecimento, em definitiva o café é um diálogo com o tempo.

Imagens 2: Camponeses, cotidiano e práticas de cultivo de café



Registros fotográfico, trabalho de campo (Comunidade rural – Trujillo, 2023)

Pelas mãos de Norbey já passaram muitas sementes de café, desde os 12 anos que deixou de estudar e começou a trabalhar na roça, plantando café junto a sua avó. Agora com mais de 70 anos, mãos grandes, morenas e ásperas ensina a suas filhas a cultivar café, desde o canteiro até a colheita, que pode demorar até 2 anos, até que as primeiras cerejas de café sejam colhidas. Depois da aparição de flores brancas, a cereja de café muda de cores: de verde, amarelo e finalmente vermelho. Nos meses de maio e novembro, época da colheita do café, é possível ver o café nas mãos de homens, mulheres, jovens e crianças, todos colhendo, partilhando e vendendo café.

As cinco da manhã Norbey se levanta para lavar o café que deixou de molho o dia anterior, a água que sai (águas residuais agrídoces)³ são utilizados para produzir biogás, este gás é utilizado nas cozinhas para produção de alimentos familiares. Na temporada cafeeira com o aumento da produção de café, também aumenta a produção do biogás, pelo que não se faz necessário usar fogão de lenha.

Depois do lavar o café, é levado a secar na “Elba”.⁴ Nas três famílias interlocutoras, as Elba ficavam no teto das casas, com uma estrutura móvel que deslizam sobre carris. Estas

³ Açúcares provenientes da fermentação da polpa de cereja, mucilagem e pectinas. A sua textura gelatinosa provém das substâncias mucilaginosas e pecticas não digeridas na água.

⁴ Secador de café feito de madeira e coberto com um telhado de zinco. Tem um chão construído rente ao solo, para colocar por baixo, gavetas de madeira em forma de gavetões que deslizam sobre carris que os conduzem por baixo do telhado.

primeiras tarefas do dia são feitas por homens ou mulheres sem distensão. Depois destas atividades, que geralmente acontecem antes do café da manhã, os camponeses(a) dedicam o resto dia na colheita de café, ou outras tarefas rurais: limpa de ervas (usando foice), fertilização, cuidados a não humanos, elaboração de rações, laboreis culturais de cultivo em frutais, mandioca, hortaliças, banana, yacón⁵, feijão.

Uma das famílias asseguram que é mais fácil trabalhar por lotes de forma coletiva, ou como eles mesmo o denominam “trocando dias”. Dividiram sua roça por lotes, cada filho(a) tinha um pequeno lote de plantação de café junto com banana. Em temporada de maior produção, eles trocam dias de trabalho, cada semana trabalham em um determinado lote, e se repete até cumprir o ciclo.

Quando não estão na temporada cafeeira, entorno das quinze horas se realiza a “media tarde”, momento para fazer uma pausa, comer alimentos, café ou sobremesas. Este ritual acontece em meio dos lotes, sentados no chão ou nas sacolas de café, e as conversas, as histórias e as fofocas fazem parte do momento. Asseguram a xicara de café com as mãos, as mesmas mãos marcadas pelo mel do café coletado. Falam do que querem comprar quando vendam a próxima arroba de café, fazem uma oração pedindo a seu deus chuva, falam da obrigação de pagar uma promessa por um favor concedido. Organizam suas próximas tarefas rurais, brincam com as crianças que também fazem parte do momento. Falam do café que já tiveram, das roças de seus ancestrais, de como era a vida antes, “da colheita de 1989”, de como era o sitio antes de eles chegar. Falam da “minga comunal”⁶ que vai acontecer o próximo domingo na comunidade.

As plantas de café e os momentos de labora permitem cruzamentos para falar de processos locais e históricos, e se constituem elementos para estudar e entender a compreensão e uso do tempo. Retomando Beilin; Suryanarayanan (2017), a visão das humanidades sobre a cultura como um fenómeno humano se abre para incluir as plantas como contribuintes ativos para as práticas de dominação e resistência, e como aliadas dos humanos em redes de apoio, mas também em confrontos antagônicos. Para além da análise das coisas enquanto objetos e significantes humanos, dedicamos mais atenção às dinâmicas das próprias

⁵ É um tubérculo cultivado nas zonas quentes e temperadas da Cordilheira dos Andes. é útil para questões de saúde: ajuda a regular o açúcar no sangue, promove a perda de peso e regula o trânsito intestinal.

⁶ Encontro de amigos ou vizinhos para fazer algum tipo de trabalho coletivo para um bem comum o individual.

coisas, mas que também são capazes de desenvolver e subverter economias e tomar terras disputadas (BEILIN; SURYANARAYANAN. 2017. pp. 208).

Nancy uma das interlocutoras, vende a “pasilla”⁷ cada três meses para comprar ração para os porcos e galinhas. Também cultiva banana, mandioca e cebola. Quando sacrifica o porco para vender a carne na comunidade, acostuma trocar a carne por produtos: troca carne de porco por ovos de galinha, cebola por coentro, também troca com suas vizinhas plantas ornamentais ou de jardim. Outras mulheres relatavam preferir vender ovos de galinha e trocar galinhas por patos ou gansos.

Nas três famílias as mulheres tem participação além dos espaços domésticos. Se vestem com roupas pesadas e botas de trabalho, escondem seu cabelo debaixo de um chapéu, asseguram na sua cintura o “Coco Recolector de Café”⁸ e entre cânticos e histórias apanham o café. Elas conhecem as estações da lua e decidem o melhor momento para cortar seu cabelo, para plantar uma semente, cortar uma árvore ou uma planta.

Elas conhecem o ponto de secado e torrado do café. Pelas noites, usando uma panela e uma colher de madeira torram o café no fogão de lenha. O aroma de café circula pela casa e fica na roupa e mãos delas, e se pode escutar o barulho da colher de madeira movendo os grãos de café que vão trocando sua color e brilho. Ao calor do fogo, a panela quente e o cheiro de café, se contam relatos de outros tempos de café, das casas que habitam, as plantas e flores, das dores dos corpos e da alma. Falam de vivos e mortos, de espíritos, dos não humanos e das coisas. Falam da água que cada dias é mais escassa desde a chegada das plantações de abacate, temem por um futuro com pouca água ou sem ela. Sabem que a monocultura do abacate requer de muita água para sua produção; “*é por isso que compraram, as fazendas mais próximas as reservas de água, para usá-la à vontade*” (Notas de campo). É importante ressaltar o “caráter”, a intensidade e a velocidade com que tais transformações passaram a ser operadas (HEREDIA; PALMEIRA; LEITE, 2010).

⁷ Refere-se a todos os defeitos físicos que se observam num grão de café, incluindo os frutos não despolidos. Por conseguinte, quando nos referimos à “pasilla”, estamos a falar de um subproduto obtido nas fases anteriores à torrefação do café.

⁸ Ferramenta utilizada na recollecção de café, com um cinto que se prende ao corpo.

Imagens 3: Representações das diversas relações no tempo do café



Imagens de arquivo, trabalho de campo (Comunidade rural – Trujillo, 2019)

Os carros, Willys Jeep, são típicos das regiões andinas, adequadas para percorrer terrenos montanhosos e transportar mercadorias. São coloridos e decorados com pinturas de folhas e grãos de café. Quando se chega a Trujillo, é possível vê-los nas esquinas da cidade, lado a lado, formando uma fila colorida. A sociabilidade entre o agricultor e os motoristas é de aproximação e familiaridade. Eles sabem os nomes uns dos outros e sobre os nomes uns dos outros. É comum o agricultor convidar o motorista para participar num ritual familiar ou comunitário. O agricultor conhece o carro, antes do condutor. Identifica os percursos e os horários; reconhece a chegada ou a visita de um motorista pelo barulho do carro. Em suma, o agricultor, os carros e os condutores formam um trio de comunicação e movimento importante para a dinâmica comercial e comunitária de Trujillo. Convém esclarecer que a categoria "camponeses", neste parágrafo, se refere especificamente à figura masculina. São sobretudo os homens que estabelecem esta ligação com os motoristas.

No mês de novembro celebram-se as festas municipais do café em Trujillo, aproveitando a temporada cafeeira. As ruas e casas são decoradas em representação ao café, os carros típicos saem pelas ruas carregados de café, fazendo coreografias ao ritmo de músicas populares. Mulheres e homens se vestem com trajes típicos, ocupando as ruas do município com desfiles de cavalos e durante quatro dias o café se torna a justificativa das festas, a música, os beijos e o sexo. Mas também para comprar a melhor cavalo, a melhor vaca, vender o melhor café, as orquídeas ou antúrios.

Os cavalos são grandes aliados nos transportes de bananas, café, insumos agrícolas, madeira, canha para a produção de rapadura e de pessoas. Como também são aliados o verme conhecido como “gusano de pollo”, por seu pelo e forma. Estes vermes aparecem em tempo

de floração do café. Embora invertebrados pode causar alergias, coceiras e inflamação, para os camponeses é um bom augúrio, acreditam que terão uma boa colheita de café.

De outra parte, a lógica capitalista-produtivista projeta o estigma do corpo padrão, saudável e, portanto, desejável. Os corpos que rompem com esse perfil estético e produtivo são automaticamente rotulados como limitados ou ineficientes. Isto significa que opera como estratégia de poder produtivo, naturalizando a subjugação pela raça, como efeito do "direito natural divino" (FERREIRA, 2022).

Essa classificação é reafirmada por Denise Ferreira sob três pilares do pensamento moderno: **Separação**, todas as coisas podem ser dissociadas por categorias restritas (espaço, tempo, quantidade, qualidade, relações); **Determinabilidade**, definindo conceitos que podem ser utilizados para decidir sobre a natureza e os sentimentos sobre as coisas; **Sequencialidade**, uma busca temporal linear e sequencial do desenvolvimento esperado, da história e dos sujeitos (FERREIRA, 2022).

Pensando nesta separação, determinabilidade e sequencialidade não é estranho o poder e transparência dada ao saber agrônomo dos cultivos. A autoridade do intelectual agrônomo costurando a ideal de modernidade. Se o atraso da agricultura acabava por ser imputado ao tipo de homem que nela labutava. Os agrônomos progressivamente se constituíam nos novos intermediários entre trabalhadores rurais/pequenos produtores e as frações da classe dominante agrária das plantações de abacate.

Imagens 4: Corpos sossegados



Registros fotográfico, trabalho de campo (Comunidade rural – Trujillo, 2023)

No tempo do café circulam corpos de crianças, idosos, não humanos, mulheres maiores, corpos com outros formatos e movimentos funcionais que não são lidos no pensamento produtivo moderno. O exercício aqui proposto busca refletir sobre os significados e usos dos corpos no tempo do café, diferente da compreensão dos corpos nos sistemas de plantation que buscam corpos-sujeitos sem conexões comunitárias, espirituais ou ancestrais, sem arraigo com a terra; mas disponíveis para cultivar, cortar, semear, colher, comercializar.

Finalizo com algumas reflexões que nos permitem encontrar as fugas para a pergunta inicial deste texto: Como os modos de vida rurais no tempo do café possibilitam diálogos para pensar uma "contra-plantação"?

Retomando os diálogos com Tsing (2019), o tempo do café instalasse outra forma de gestão do tempo e da vida, que não é o dos relógios da plantation. As vidas de camponeses que aqui descritas, são possibilidades de pensar modos de existências nas margens. Seus corpos crescem junto ao café, são filhos e filhas do cafeto e usam esta planta para resistir e escapar de monoculturas que cercam seus cultivos de café, montanhas e rios. Este trabalho é um esforço de entrelaçar a vida vegetal e a vida humana, ao olharmos em conjunto para "o humano" e "o não-humano" na nossa história de resistência, um movimento "interespecies" (BEILIN; SURYANARAYANAN, 2017).

Contar histórias críticas vida dos não humanos, levando-os em sério como agentes, pode ser uma via de fuga. Porém, não devemos olhar sobre a coisa, sobre o não humano ou sobre indivíduo em se; mas olhar a composição, as redes, aos encontros indeterminados e aos entrelaçamentos históricos sem uma marca lineal de temporalidade. Se as formas de escravidão são sempre diferentes, as formas de liberdade, enfrentamento, criação e fuga praticados por camponeses também devem ser diferentes, tendo uma estrutura do tempo não linear, para que a presença do passado seja o lugar do encontro com o futuro.

Referências bibliográficas

BARATA, ANDRÉ. E se parássemos de sobreviver? Pequeno livro para pensar e agir contra a ditadura do tempo, Lisboa: Sistema Solar, 2018.

BEILIN, KATARZYNA OLGA; SURYANARAYANAN, SAINATH. The war between amaranth and soy: interspecies resistance to transgenic soy agriculture in Argentina. *Environmental Humanities*, v. 9, n. 2, p. 204-229, 2017

CHAO, SOPHIE. **Children of the palms: growing plants and growing people in a Papuan Plantationocene**. *JRAI*. 27 (2). pp. 245-264. 2021.

DOS ANJOS, JOSÉ CARLOS. Brasil: uma nação contra suas minorias. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v 26, n 3, dez 2019.

DA SILVA, DENISE FERREIRA. **Homo modernus: para uma ideia global de raça**. COBOGO, 2022.

HEREDIA, BEATRIZ; PALMEIRA, MOACIR; LEITE, SÉRGIO P. Sociedade e Economia do “Agronegócio” no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 25, n. 74, 2010

LI, TANIA MURRAY. **After the land grab: Infrastructural violence and the “Mafia System” in Indonesia's soil palm plantation zones**. *Geoforum* 96, nov 2018, pp.328-337

MCKITTRICK, K. “Plantation futures” *Small Axe: Caribbean Journal of Criticism* 17 (3/42): 1- 15.2013.

NETO, M, S. **Chove sobre minha infância**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RODNEY, WALTER. **Plantation Society in Guyana**. *Review (Fernand Braudel Center)* Vol. 4, No. 4. pp. 643-666. 1981.

TSING, ANNA. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília:IEB Mil Folhas, 2019.